



casadesarmiento

centro de estudos do património

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmiento

LUSITANOS, LÍGURES E CELTAS.

SARMENTO, Francisco Martins

Ano: 1893 | Número: 10

Como citar este documento:

SARMENTO, Francisco Martins, Lusitanos, lígures e celtas. *Revista de Guimarães*, 10 (3) Jul.-Set. 1893, p. 141-160.

Casa de Sarmiento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmiento, 51
4800-432 Guimarães

E-mail: geral@csarmiento.uminho.pt

URL: www.csarmiento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

LUSITANOS, LIGURES E CELTAS

(Continuado) do n.º 2, pag. 88)

Viu-se que a minha opinião ácerca da lingua dos Lusitanos se não parece nem pouco, nem muito, com a que me tem sido attribuida. O que eu sustentei em summa foi que os Lusitanos fallavam a mesma lingua que os Silures, a mesma lingua que fallavam todos os Ligures, isto é, esses velhos arias que, segundo M. Arbois, colonisaram e civilisaram o Occidente meitos seculos antes da chegada dos Celtas.

É consequencia necessaria d'este principio que, se por meio da onomastica decifrável pelo cambrico ¹ se descortina a influencia e a vitalidade d'uma civilisação antiga, são as manifestações do genio ligurico que tal onomastica nos revela, quer na Lusitania, quer nos paizes, onde a encontrarmos. Os que têm por um dogma a celticidade do cambrico é de vér que chegam a um resultado inteiramente differente: o que para mim é ligurico para elles é celtico; e, como a onomastica em questão comprehende nomes topicos, nomes de cidades, nomes pessoases, nomes de deuses, etc., disseminados por uma

¹ Entenda-se sempre — cambrico e congeneres.

grande parte da Europa, por força que não sómente hão de fazer a mais lisonjeira ideia da civilisação celtica, mas reconhecer-lhe tal prestígio e tal força transformadora, que as civilisações precedentes ficaram completamente obliteradas, ou quasi.

Se porém, como já vimos, nem um só argumento historico pôde ser produzido a favor da celticidade ou da celtisação dos Cambrios, antes pelo contrario, o principio, em que esta theoria assenta, não merece outro nome senão o d'uma hypothese gratuita; e, se os factos que d'elle se deduzem e deviam justificar-o são tambem desmentidos pela historia, não ha de estranhar-se que eu veja no celtismo moderno uma construcção tão phantasiosa, como elle a vê no celtismo primitivo.

Quanto ao principio já disse o bastante: os testemunhos historicos mais irrefragaveis desmentem a hypothese da celticidade ou da celtisação dos Cambrios. Vejamos agora se nas suas deducções ha algum facto que neutralise aquelle desmentido. Acima mostrei ser pouco menos de certo que os Celtas na peninsula iberica e na Gallia central perfilharam a civilisação que encontraram n'uma e n'outra parte. Ninguem acreditará, penso eu, que a civilisação da Aquitania fosse para aqui importada pelos Celtas do seculo iv, a. C., e ainda menos que fossem elles quem civilisou o Valle do Pó. N'esta parte da Europa sabemos nós que elles destruíram, até onde poderam, a civilisação etrusca que lá dominava ¹, sem ao menos aproveitar dos seus beneficios, como resalta da pintura que Polybio nos faz dos Senões, Boios, Cenomanos e Insu-bres ².

Demais, não é evidente que a genuina civilisação celtica deve brilhar com todo o seu esplendor entre os Belgas, esses Celtas puritanos que nem sequer se misturaram com povos d'outra familia? Parece que não ha nada mais evidente. Pois a civilisação dos Belgas pôde avaliar-se por esta amostra: os Nervios nem commerciantes admittiam nos seus dominios ³,

¹ Arbois de Jubainville, *Les premiers habitants de l'Europe*, pag. 161 e seg. Am. Thierry, *Histoire des Gaulois*, 1, pag. 157 e seg.

² Polybius, II, 17.

³ Cesar, *B. G.*, II, 15. N'esta passagem Cesar chama aos Nervios barbaros, *feros*, com todas as letras.

para que as commodidades do luxo que elles semeavam os não amollescesse como a alguns dos seus compatriotas, que por esse motivo chamavam degenerados; os Treveros partilhavam das mesmas ideias ¹; e, sendo estes dois povos uns dos mais importantes da Belgica e dos mais ciosos das suas tradições nacionaes, é de presumir que todos os Belgas puros pensassem da mesma maneira. Ora uma civilisação que proscrescia propositadamente o commercio orça muito pela barbarie.

Mas não nos diz Polybio que os Celtas, quando appareceram no theatro da historia, desconheciam todas as commodidades da vida? ² Não repetem a mesma coisa todos os escriptores antigos, sempre que fallam dos Celtas invasores, a ponto de lhes attribuirem alguns d'elles taes actos de selvageria, que têm sido lançados á conta de calumnias? ³

Notemos que, em opposição á antiga rotina, começa a ganhar terreno a opinião de que os Celtas desceram do alto norte. M. Wilser ⁴, por exemplo, sustenta que os Celtas vieram da Scandinavia, e M. J. Rhys, o illustre celtista, subcreve sem reserva esta these revolucionaria ⁵. É de lamentar que M. Wilser desconhecesse a passagem da *Ora Marítima*, em que a procedencia dos Celtas da Scandinavia está muito claramente indicada ⁶, e que vale, a meu vêr, tanto como todos os

¹ Tacitus, *Germania*, xxviii.

² Polybius, loc. cit.

³ Vid., por exemplo, Pausanias, x, 22.

⁴ *Die Herkunft der Deutschen*.

⁵ *Lectures on the origin and growth of religion, as illustrated by Celtic heathendom*, pag. 636.

⁶ V. 130-146. Num estudo sobre a *Ora Marítima*, publicado em 1880, tratei de demonstrar este facto importantissimo, fazendo vêr que todas as tradições recolhidas pelos antigos escriptores, que fallavam da primeira invasão dos Celtas, estavam de pleno accordo com as informações do periplo. Podem vêr-se as pag. 86-89 d'aquelle estudo e a nota 74. A proposito do ponto de partida e da marcha dos Celtas sobre a Europa central, conforme esta nova ideia, não devo deixar de alludir ás objecções que J. Grimm suscitava contra a rotina, que ella vem destruir. Não comprehendia o grande pensador (*Geschichte der Deutschen Sprache*, pag. 116-17) como, invadindo os Celtas a Europa de nascente a poente, segundo geralmente se acreditava, e com os Germanos na sua côla, em vez de vêr os primeiros reuando diante dos segundos até ás extremidades occidentaes da Europa, os via pelo contrario caminhar de poente para nascente, rompendo atravez dos seus

textos que colligiu no seu trabalho. Vinguem porém as suas ideias, e temos fé que hão de vingar, a prodigiosa civilização dos Celtas passará ao rol das hypotheses fallidas, porque ninguém admittirá decerto que elles trouxessem da Scandinavia uma civilização superior á dos Cimbro e Teutões, isto é, á proverbial barbarie germanica.

E aqui prende a questão se a barbarie germanica e a barbarie celtica não eram uma e a mesma coisa. Continuemos a interrogar a historia. Apreciando alguns factos da invasão cimbrica, taes como a facilidade com que os Teutões e Cimbro se entenderam com os Belgas e com os Volcos da Aquitania, que muitos têm como um ramo dos Belgas, concluia Am. Thierry que só a identidade de raça e de lingua podia racionalmente explicar esta rapida fraternisação ¹. Ha de ser difficil achar outra explicação satisfatoria. Não menos significativo é que os auxiliares de Mario, sem duvida alguma da familia celtica, reconheceram no grito de guerra das hordas cimbricas o seu grito de guerra nacional ². Não esqueça que os Cimbro e Teutões são germanos, mesmo no entender de quasi todos os celtistas contemporaneos; que desceram da Jutlandia, para onde provavelmente passaram da Scandinavia; que na sua excursão para o sul seguiram o exemplo e o caminho dos Celtas ³; que escolheram a Belgica, para ahi depositarem

perseguidores, e tanto á solta que, além de revolucionar a Europa quasi toda, foram ainda revolucionar a Asia Menor. Sobre as suas suspeitas acerca do germanismo dos Galatas e d'outros povos alcunhados de celticos já dissemos o sufficiente. Não parece pois que J. Grimm entrevia alguma coisa muito parecida á theoria de M. Wilser — a dos celto-germanos descendo do alto norte sobre o coração da Europa e tão justamente consciuos da sua força que podiam percorrel-a em todas as direcções que lhes agradava e levar mesmo as suas devastações até á Asia Menor? Só uma concepção muito similhante a esta, decerto suscitada pela evidencia historica, podia movel-o a romper com a hypothesis empirica que a contrariava abertamente.

¹ *Histoire des Gaules*, I, pag. 53-4.

² Plutarchus, *Marius*, xx. Plutarcho falla dos Ligures auxiliares do exercito de Mario; mas escusa de prova que entre os Ligures propriamente ditos e os Germanos não podia haver a commuidade de costumes especificada n'esta noticia. Trata-se sem duvida dos Celtas que viviam em sociedade com os Ligures e ainda não tinham perdido algumas das suas tradições nacionaes. Esta explicação já se encontra em Thierry, obr. cit, pag. 24 do 2.º volume.

³ Plutarchus, *ibid.*, xi.

os seus thesouros, deixando ao mesmo tempo a guardal-os uma das suas tribus, os Aduaticos ¹, que alli se conservaram sempre.

Estas particularidades já bastam a mostrar-nos que os Celtas e Germanos se entendiam muito bem; mas os textos de Cesar e Tacito levam-nos muito mais longe. Todos os povos da Belgica, conta Cesar por informação dos Remos, eram germanicos ². Nomeadamente os Eburões, os Coercesos, os Prcmanos e os Carducios eram germanicos ³. Os Segnos eram germanicos ⁴. Os Ubios eram germanicos ⁵. Os Nervios e os Treveros levavam até á affectação as suas pretensões de germanismo, diz Tacito ⁶. Os Aduaticos eram uma tribu dos Cim-bros e por consequencia germanos.

Estes povos eram os mais consideraveis da Belgica, todos visinhos uns dos outros, e em vista de textos tão claros e positivos o germanismo dos Celtas puros, Belgas, parece um dos factos mais indiscutíveis da historia. Não o entendem assim os celtistas; mas as suas razões não correspondem muito ao tom auctoritario que lhes imprimem; asseguram-nos que, quando Cesar, Tacito e outros escrevem — «germanos» — não queriam dizer que os povos assim denominados fossem germanicos, senão coisa muito differente. Esta hermeneutica, como se vê, é tão extraordinaria, que eu duvido muito de que alguem a aventurasse, se a interpretação obvia d'aquelles textos podesse conciliar-se d'algun modo com a theoria linguistica dos seus inventores; mas não pôde. Se os Belgas fossem germanos, tendo elles evitado toda a mistura com gente alheia á sua raça, todo o contacto com uma civilização estranha á sua, seria inconcebível que não fallassem uma lingua germanica. Não fallando uma lingua germanica, como decidem os celtistas, a demolição dos impertinentes textos torna-se para o celtismo um caso fatal da lucta pela vida. A prova linguistica deve por isso ser tal que não deixe sombra de duvida no espirito de ninguem. É isso o que acontece? O leitor o

¹ Cesar, *B. G.*, II, 29.

² II, 4.

³ *Ibidem.*

⁴ VI, 32.

⁵ IV, 3.

⁶ Tacitus, *Germania*, xxviii.

dirá. Os nomes propios da Belgica, dizem os celtistas, não têm uma physionomia germanica; decifram-se bem pelo cambrico e adduzem-se varios exemplos; mas com os nomes dos Teutões e dos Cimbro succede a mesma coisa, e os celtistas explicam agora o caso, estabelecendo que estes nomes nos chegaram deturpados, por terem passado pela bocca dos Gaulizes, perdendo por isso a sua physionomia germanica, para revestirem uma physionomia *celtica* ¹. Mas se a explicação vale para os Cimbro e Teutões, que razão ha para que não valha para os Belgas, em cujo gremio viviam, por exemplo, os cimbro Aduaticos?

Demais d'isso, se os Belgas não fallavam uma lingua germanica, visto não fallarem a lingua da Gallia Central, como expressamente nos diz Cesar, não podiam ter uma lingua identica ao cambrico. Que lingua era então a sua? Bem sei que ainda d'esta vez os celtistas interpretam as palavras de Cesar d'um modo differente do que ellas soam; Cesar, mencionando a differença da «lingua, instituições e leis» entre aquelles dois povos, não alludiria a uma differença de linguas propriamente ditas, mas a dialectos d'uma mesma lingua ². É porém evidente que no texto de Cesar a lingua está na mesma plana que as instituições e as leis. Quererá alguém provar-nos que as instituições e leis, constitutivas do druidismo gauliz, estavam para as dos Belgas na relação d'um dialecto para uma lingua? Mas peor ainda; Cesar abrange na sua affirmativa os Belgas, os Gaulizes e os Aquitanos, e segundo a opinião mais corrente a lingua dos Aquitanos está hoje representada pelo basco. O basco seria pois um dialecto do celtico, ou vice-versa, o que para os linguistas sôa como uma heresia digna de excommunhão maior.

*

Estas observações bastam, cuido eu, para mostrar que, se o «dogma» da celticidade do cambrico se não pôde impôr

¹ Karl Müllenhoff, *Deutsche Alterthumskunde*, II, pag. 113-21.

² Uma das explicações propostas por Brandes (*Das ethnographische verhältniss der Kelten und Germanen*, pag. 75) para esta differença dialectal — a d'uma mistura de linguas celtica e germanica — implica necessariamente a existencia de numerosos Germanos na Belgica. Não esqueça que Brandes é um dos mais famigerados adversarios d'Holtzmann.

a ninguém, por ser desmentido pelos testemunhos históricos, a doutrina que d'elle se quer deduzir a favor d'uma prestigiosa civilisação celtica esbarra com as mesmas difficuldades, e é defendida com uns argumentos, que só podem fascinar os seus sequazes. No terreno historico os argumentos não podem ter outro nome senão o de argucias de causidico; no terreno linguistico uma argumentação que tanto serve o germanismo dos Cimbrós, como o não germanismo dos Belgas, assemelha-se extremamente ao depoimento d'uma testemunha falsa.

Não me posso furtar a um ultimo reparo. É obvio que, se a civilisação celtica tivesse sobre os povos meridionaes, já mais ou menos cultos, uma tão prodigiosa influencia que os transformou moralmente, por força de maior razão havia de transformar os barbaros Germanos, e tanto mais que a sujeição em que muitos d'estes ultimos viveram por seculos debaixo do governo dos Celtas é admittida por auctoridades insuspeitas ¹. A civilisação e lingua celticas deviam portanto criar profundas raizes tanto na Belgica, como da Belgica para o norte. Não é isso o que se vê; antes pelo contrario. Quanto á civilisação, já mostrei ao que ella se reduz mesmo na Belgica de Cesar. Quanto á lingua, nem na Belgica, nem da Belgica para o norte, se descobre em qualquer recanto coisa parecida com o cambrio ou irlandez. Não se diga que foi a lingua do conquistador romano que destruiu essas velhas linguas pela acção absorvente da sua, como fez nas populações do sul. A influencia romana para além do Rheno póde dizer-se nulla; na Belgica desenvolveu-se activamente e não causaria espanto que uma lingua romanica obliterasse a indigena. Isto acontece effectivamente na sua parte meridional ²; mas na septentrional, onde temos encontrado os Celtas mais puros, com a queda do Imperio desaparece a lingua dos conquistadores — para dar logar á reaparição da lingua « celtica »? — não, para dar logar á lingua germanica, com exclusão de qualquer outra.

¹ Arbois de Jubainville, Müllenhoff, por exemplo. É tambem o que Cesar, vi, 24, afirma expressamente.

² Onde provavelmente começava a mistura de Celtas e Ligures.

Attentemos ainda nas singularidades seguintes: esta gloriosa lingua celtica, que morreu no continente sem deixar um unico representante, deixaria nada menos de quatro na Inglaterra. Onde? na parte da ilha que sabemos ter sido conquistada pelos Belgas? Não, na Siluria, na Cornuwall, na ilha de Man, onde os Celtas não pozeram o pé; na alta Escossia, onde provavelmente aconteceu o mesmo. Ainda mais: estes Celtas que, no continente, perderam, além da sua lingua, as suas tradições historicas e mythicas, conservaram tudo isso na Siluria e na Escossia e nas outras partes, espantando-nos com as surpresas mais extraordinarias. Por exemplo, pelas suas memorias historicas ficamos sabendo que os Celtas, homisiados na Siluria, se tornaram tão fanaticos pelo druidismo, como os proprios Silures, e comtudo é bem sabido que nunca tiveram instituições druidicas. Ninguem admite hoje que os monumentos megalithicos sejam celticos; pois ainda actualmente os Celtas da Siluria e da Escossia ligam a estes monumentos tradições historicas e mythicas, como faziam os povos pre-celtas que os erigiram e veneraram sempre. Nos famosos annaes d'estes Celtas da Siluria ¹ lê-se que foram elles os primeiros civilisadores e até os primeiros colonisadores da Inglaterra, aonde chegaram em tempos antiquissimos ao fim d'uma longa peregrinação que, se não teve por ponto de partida o paiz de Af (onde hoje é Constantinopla, diz uma velha glosa), teve ahi uma estação mais ou menos demorada. Esta noticia parece ser d'uma authenticidade inconcussa, se a referimos aos arias pre-celtas ², de que os Silures eram um ramo. Com respeito aos Celtas é duas vezes falsa; nem os Celtas na sua marcha para a Inglaterra passaram pelo paiz de Af, pois que desceram da Scandinavia; nem podiam gabar-se de ser os primeiros colonisadores da Inglaterra, visto sabermos muito bem que já ahi encontraram os Silures e outros povos da mesma familia.

¹ A proposito. Na *Revue de Anthropologie*, tomo II, 2.^a serie, pag. 333, lê-se: « Quel est l'auteur ancien qui a dit que des Celtes se soient établis en Britannia ou en Hibernia? Cette question, posée dès 1865 par M. Broca et souvent reproduite, est restée sans réponse. Et cependant, dit M. Broca, « les Irlandais, les Gallois, à force de s'entendre appeler Celtes par les linguistes d'abord, puis par les historiens élèves des linguistes, ont fini par prendre ce nom au sérieux, et ils se plaisent même à crier aujourd'hui, qu'ils sont issus des Celtes ». Aqui estão verdades como punhos.

² Vid. *Argonautas*, pag. 216 e seg.

N'uma palavra, estes Celtas da Siluria, Escossia, etc., não podiam, ainda que quizessem, empregar argumentos mais decisivos para nos convencer de que não são outros povos senão os representantes dos velhos arias pre-celticos, os Ligures de M. Arbois de Jubainville. Os cellistas entendem as coisas d'uma maneira diversa e ninguem lhes deve levar isso a mal; o que admira um pouco é que se zanguem, se os outros não vão atraz da sua opinião, quando são da força que temos visto as razões com que a instruem. Eu por mim não logro descobrir nos seus «dogmas» senão um encadeamento de hypotheses graciosas e tumultuarias, nenhuma das quaes deixa de ser excommungada pela historia e pela evidencia, ao passo que a «heresia» do ligurismo dos cambrios e as deducções que d'ella dimanam harmonisam de tal sorte com uma e outra e me deixam tão satisfeito o espirito, que me não affligiria a ideia de ser o unico a defendel-a, o que aliás não acontece, como veremos logo.

Entendo, portanto, que a onomastica do Occidente, decifrável pelo cambrio e congeneres, nos revela os traços da civilisação importada pelos arias pre-celtas, os Ligures, civilisação que pela sua superioridade offuscou realmente as civilisações rudimentares dos povos pre-existentes, chamados desde então a uma vida nova. O predomínio quasi exclusivo d'estes verdadeiros civilisadores da Europa antiga só começou a ser abalado, cerca do seculo VII, a. C., pela onda sempre crescente d'uma infinidade de povos septentrionaes, conhecidos primeiro pelo nome de Celtas, depois pelo de Germanos, que irrompendo do alto norte, aonde chegaram sem se saber como ¹, iniciaram contra elles esse eterno duello, que ainda obriga os dois grandes grupos, representados hoje pela familia germanica e pseudo-latina ², a andarem armados até aos dentes e a odiarem-se cordealmente.

Pouco menos de barbaros, fazendo da guerra um officio

¹ Não é impossivel que a relação entre os Celtas e os Cimmericos de Herodoto, tantas vezes proposta, para ser rejeitada, ainda volte á tela da discussão. Fallo dos Cimmericos de Herodoto e não dos de Homero.

² Eu mal por mal preferiria o nome de familia ligurica. Escuso de dizer que tenho incluído até aqui os chamados Italiotes n'aquella velha familia.

quasi exclusivo, e atacando por grandes massas populações já sedentárias, as hordas celto-germanicas só n'uma ou n'outra parte encontraram uma resistencia séria. A contar da Scandinavia até á Belgica, onde a grande massa dos invasores se fixou desde o principio até hoje, formando alli uma segunda patria, o mundo ligurico ficou completamente destruido, segundo parece. Da Belgica para o sul é pouco menos de certo que se deu um caso muito differente. Já os invasores da Gallia Central transigem com os povos conquistados, e perfilham a sua civilisação; o mesmo fazem os bandos, desgarrados para a Aquitania, para a Hispanha, para a Cisalpina, quer se associassem com os povos que não poderam vencer, quer tratassem como escravos os que não souberam resistir-lhes. Assim em todos estes paizes, desde que cessou a anarchia causada pelas brutaes invasões estrangeiras, a civilisação ligurica retomou a sua marcha e a barbarie dos intrusos foi-se diluindo n'ella ¹, do mesmo modo que a sua raça, absorvida pela grande maioria das populações indigenas, ia degenerando insensivelmente ².

No tempo de Cesar a linha que separava o mundo celto-germanico do mundo ligurico era a Belgica; a sua expressa affirmativa sobre o germanismo dos Belgas, a affirmativa não menos expressa sobre a radical differença de « lingua, instituições e leis » entre os Celtas da Gallia Central e os Celtas da Belgica, e o facto de se não conhecer da Belgica para o norte outra lingua, outras instituições e outras leis que não sejam germanicas, são para mim provas irrefragaveis d'esta verdade, e livram-me de transigir com o absurdo de aceitar a hypothese d'uma civilisação celtica tão possante, que transformou moralmente os povos cultos do sul, e tão impotente contra a barbarie dos Germanos, que se deixou transformar por ella, perdendo a sua prodigiosa cultura, lingua e tudo.

Provavelmente se o povo romano se não tornasse o cam-

¹ Já vimos, mas nada se perde em vér de novo, que M. Bertrand, fallando d'estes Celtas, a que dava o nome de Galatas, escrevia na sua *Archeologie celtique et gauloise*, pag. 398: « Leur nom n'est attaché à aucun groupe des monuments, à aucune usage, à aucune divinité locale ou de tribu, dont on puisse avec certitude leur faire honneur ».

² Belloguet insiste mais d'uma vez n'este facto.

peão da civilização contra a barbarie; não aniquilasse com Mario a torrente das hordas cimbricas; não rechacasse com Cesar os Germanos de Ariovisto para além do Rheno, e se a politica do Imperio não tivesse todo o cuidado em dar aos Germanos aquelle rio por barreira, emquanto pôde, a civilização romana que revivificou o mundo ligurico teria morrido á nascença, suffocada pela avalanche de barbaros, que o inundou no seculo v da nossa éra ¹.

*

É claro que admitto sem a menor hesitação a « these inadmissivel » do germanismo dos Celtas; mas os que me têm feito a honra de lêr os meus escriptos e estão familiarizados com estes assumptos, sabem decerto que a minha these não tem nada de commum com a doutrina de Holtzmann, como M. Arbois faz acreditar. Combati sempre a doutrina de Holtzmann e pela mesma razão, por que tenho combatido o celtismo. Holtzmann pretendia expropriar as glorias do mundo ligurico em beneficio dos Germanos; os celtistas pretendem fazer o mesmo em beneficio dos Celtas; e, dizendo toda a verdade, o celtismo parece-me muito mais esquipatico que o systema do celebre alemão. Pelo menos a concepção de Holtzmann era clara e franca: toda a gente sabe o que são os Germanos e a lingua germanica. Os Celtas dos celtistas ninguem sabe ao certo o que são; pelo seu typo physico são irmãos gêmeos dos Germanos; pela lingua e tradição são uns phantasmas que no continente, onde formariam um vasto imperio, a juizo de M. Arbois, se somem como pelo alçapão d'uma magica, para surdirem por outro na Siluria, na Escossia, etc., de tal modo disfarçados, que toda a gente os tomará por descendentes d'esses obstinados Ligures, os quaes nem a barbarie celto-germanica nem o con-

¹ Não me parece um simples jogo de acaso que, passados alguns seculos, o elemento germanico torne a desaparecer e que as nações chamadas neo-romanas, com um modo de sentir, de pensar e de fallar, differente das germanicas, reapareçam quasi na mesma área que temos demarcado para o mundo ligurico. A extrema d'umas e d'outras volta a ser pouco mais ou menos a mesma que no tempo de Cesar.

tacto com a civilização romana conseguiram desnacionalisar.

As minhas «theses inadmissíveis», a do ligurismo do cambrico e a do germanismo dos Celtas dispensam-me de discutir estas e outras phantasmagorias da mesma especie, contra as quaes, já atraz o disse, não falta quem se tenha insurgido.

Limitar-me-hei a expôr as ideias d'um d'estes protestantes — opinião tanto mais apreciavel, que provém d'um ex-celtista, meio convertido ao credo de Holtzmann, que aliás confessa ter combatido, M. K. Becker ¹. Escreve este sabio que a doutrina do auctor dos *Kelten und Germanen* não só é exacta no fundo, mas que só ella, feitas algumas modificações, fornece a verdadeira solução do problema ethnico da Europa antiga. O erro de Holtzmann, diz elle, consistia em dar uma importancia exagerada á gente germanica, á influencia e lingua dos Germanos, e nenhuma á influencia e lingua dos povos que os haviam precedido no occidente. O «povito de Galles», de que elle falla com desdem, era apenas o ramo d'uma numerosa e consideravel familia, tão numerosa e consideravel, que deve ser contraposta á germanica, partindo do principio de que são estes dois grandes grupos os dois unicos factores da ethnographia antiga dignos da attenção da historia. Ambos elles se differenciavam pelos seus caracteres physiologicos, pelas suas instituições e pela sua lingua. O typo physico dos Germanos é bem conhecido — estatura agigantada, olhos azues, cabello louro ². Do outro grupo dá-nos Tacito o retrato, quando pinta os povos da Siluria. Quanto á lingua, a dos Germanos é tambem muito conhecida; a dos seus emulos tambem o é no essencial, graças a um concurso de circumstancias que a salvou na Cambria, na Escossia, na Irlanda ³.

¹ No seu escripto: *Versuch einer Lösung der Keltenfrage*, etc.

² Como os Celtas. E tal era a similhaça d'uns e d'outros, tanto no physico, como no moral, que Strabon (VII, 1, 2) entendia ser de origem latina a palavra Germani = genuini, e empregada pelos Romanos, para designar os Germanos como os genuinos Celtas.

³ Por motivos facéis de comprehender, não temos fallado até aqui da Irlanda, que era quasi uma *terra ignota*, mesmo para os Romanos.

Germanizando todos estes povos, Holtzmann cahiu n'um erro funesto, que desautorizou a sua theoria, dando azo ao triumpho apparente dos celtistas, que não tiveram grande trabalho em destroçar algumas das suas etymologias. O triumpho dos celtistas era apparente; porque a sua causa não lucrrou nada, nem podia lucrar, visto cahirem em erros identicos aos do seu adversario. Assim Holtzmann queria explicar tudo pelo germanico; os celtistas queriam explicar pelo cambrico até os nomes dos Belgas, indiscutivelmente germanicos ¹, os dos Galatas e d'outros povos, quando taes nomes são germanicos e sómente pelo germanico devem ser decifrados.

Em resumo, para M. Becker os germanistas da escola de Holtzmann e os celtistas, persistindo na sua teima, nada mais conseguirão de que sendilhar n'um labyrintho escuro, sem atinar com uma sahida; e não está longe de attribuir aos linguistas a principal culpa do obstruccionismo, diante do qual a solução do problema está como paralysada.

Assim, por exemplo, no Congresso d'Iena, diz elle, onde não faltavam archeologos e anthropologistas illustres, que ardião por levantar a questão do germanismo dos Celtas, accordou-se, em sobrestar na discussão e em incumbir aos linguistas, que se impozeram sempre como os juizes mais competentes n'uma materia, cujas trevas só a luz da sua sciencia poderia espancar, accordou-se em lhes incumbir o estado aprofundado do assumpto e em esperar pelo seu *verdictum*. Mas, accrescenta o illustre ex-celtista, já lá vão sete annos e os oráculos ficaram mudos ².

O cahos continuará, conclue elle, enquanto os celtistas e os germanistas continuarem a baralhar as nacionalidades e os nomes a seu talante, que o mesmo é explicar pelo cambrico nomes que só pelo germanico podem ser explicados, e vice-

¹ Não ha que lutar, diz elle a pag. 116, com os celtomanos, que ainda hoje põem em duvida o germanismo dos Belgas e dos Cimbros. Os nomes dos Galatas da Asia são para elle indiscutivelmente germanicos. Sobre este ponto pôde ainda consultar-se M. Karl Wieseler, *Die deutsche Nationalität der Kleinasiatischen Galater*.

² Obr. cit., pag. 123. O livro de M. Becker tem a data de 1883. D'então até hoje a questão não adiantou um passo.

versa, baseando-se n'estes equívocos para passar carta de naturalisação aos povos que lhes parece.

Como se vê, as ideias de M. Becker são tão idênticas ás minhas, que eu teria de justificar-me de lh'as não haver roubado, se a chronologia se não encarregasse de advogar a minha causa.

*

Aqui estão expostas á sua verdadeira luz as minhas duas theses. Conheço de perto os escriptos de M. Arbois de Jubainville, para ficar sciente de que as achará ainda « inadmissíveis » ; mas tão entranhado estou eu nas minhas convicções, que não hesito em sustentar que a condemnação do meu illustre censor é no fim de contas a condemnação das suas ideias ethnologicas ácerca da Europa antiga e do seu processo critico. Vou explicar-me. Já disse que M. Arbois adoptou a doutrina de Belloguet, que se gloriava de ter resuscitado o mundo ligurico e de haver restituído a esta grande familia o papel capitalissimo que representára na mais antiga civilisação do occidente. M. Arbois transpoz porém uma barreira, perante a qual estacou o auctor da *Ethnogenie gauloise*, decerto obcecado por um dos artigos de fé da celtomania, segundo o qual antes da lingua dos Celtas era escusado procurar no occidente vestigios d'outra qualquer lingua ariana. M. Arbois encontrou provas d'uma onomastica ariana anterior á celtica, e sustentou corajosamente que a lingua n'ella revelada era ligurica.

Eu perfilhei convictamente esta opinião, sobretudo depois que a vi plenamente confirmada pelo periplo phenicio do seculo VI, a. C. — documento que estudei com a maxima attenção. Ahi são expressas as informações sobre a existencia de diferentes populações liguricas desde as margens do Baltico até o Mediterraneo, de envolta com nomes de physionomia tão ariana, que os celtistas, como já vimos, os têm tomado por celticos.

M. Arbois decerto concorda em que a larga área que eu assigno á occupação dos Ligures nada tem de exagerada, porque ainda ha pouco respondendo a algumas objecções, que M. Alexandre Bertrand oppunha á sua theoria ligurica, lhe aponta-

va provas em favor da influencia d'este povo no valle do Rhe-
no, no valle de Liger e no valle de Garonna ¹.

Temos pois, que muitos seculos ² antes do apparecimento dos Celtas, o occidente foi colonisado e civilisado pelos Ligu-
res arianos, que não podiam deixar de o encher d'uma infini-
dade de nomes arianos de toda a especie, sobretudo topicos,
devendo estes ultimos, segundo o costume, ficar como que en-
raizados no solo, mórmente n'aquelles paizes, onde os seus
criadores continuaram a subsistir.

Certamente que com a infiltração dos Celtas por parte d'es-
se velho mundo e com a propagação da lingua d'estes recém-
chegados havia de nascer para a onomastica occidental um pe-
riodo de confusão, causado pela concorrência de duas linguas
da mesma familia. Como discriminar da celtica a onomastica
ligurica? M. Arbois regula-se pelo criterio de todos os celtis-
tas; tendo como dogma que o cambrio é a lingua dos Celtas,
afere a onomastica antiga pela pedra de toque do cambrio, e
d'este modo organisa o inventario dos nomes celticos; o dos
nomes liguricos é obtido pelo processo d'uma exclusão de
partes ³.

¹ *Revue Celtique*, XII, pag. 473. É digno de nota que M. Bertrand
admitte que os Ligures vieram do alto norte e occuparam quasi todo
o littoral da Europa desde o Baltico até á Liguria classica, graças aos
seus habitos maritimos, mas sem exercerem influencia alguma fóra da
estreita zona em que se estabeleceram. Vid. *Nos origines*, pag. 241 e
seg.

² M. Arbois calcula a chegada dos Ligures ao occidente cerca de
2000 annos antes da nossa era (*Les premiers habitants de l'Europe*,
pag. 382).

³ N'uma d'estas discussões M. Arbois de Jubainville refere-se es-
pecialmente á Liguria do Mediterraneo, onde, no seu entender, não
faltam nomes explicaveis pelo cambrio, demonstrativos da influencia
celtica. Esta influencia está porém provada? Não me parece. O que
d'estes Ligures dos Apenninos nos contam os antigos deixa vêr n'el-
les um povo indomavel, tão afferrado aos seus costumes primitivos e
tão zeloso da sua liberdade e autonomia, que preferia uma vida mise-
ravel e cheia de privações ás commodidades, de que podia gozar,
como muitos dos seus compatriotas da Cisalpina e da Aquitania, se
aceitasse desde cedo o jugo que os Romanos só conseguiram impôr-
lhes ao cabo de luctas seculares. É difficil de acreditar que tal gente
se defendesse menos heroicamente contra os Celtas, que contra os Ro-
manos e não o é menos que a posse das suas brancas montanhas fos-
se tão appetecida pelos Celtas, que os empenhasse n'uma conquista
de resultado muito duvidoso e de proveito quasi nullo para estes

Mas com as suas opiniões ethnologicas e o seu processo critico, o historico, pôde porventura aceitar similhante dogma? Sendo certissimo que os documentos historicos nos asseguram de que os Cambrios nem são de origem celtica, nem povos celtizados, é admissivel que o meu censor sacrifique de coração tão leve os testemunhos da historia á rotina da celticidade do cambrico?

O resultado é que a sua theoria, tanto com respeito ao arianismo dos Ligures, como á sua importante civilização, tem o aspecto d'uma construcção sobre o vacuo; e não é sem alguma razão que os celtistas, mal-humorados com a sua descoberta d'uma lingua aria pre-celtica, que veio perturbar a paz da velha egreja, o frechem com insolentes pontos de admiração por causa da pobreza de provas linguisticas em apoio da sua these. M. Arbois responde-lhes que só depois de feito o destrinço dos nomes celticos, isto é, decifraveis pelo cambrio e congeneres, poderá organizar a lista dos nomes liguricos. Eu

guerreiros sempre cubicosos do saque e da rapina. Mas a onomastica celtica da Liguria? Se lêmos o estudo que Müllenhoff, no volume III das suas *Deutsche Alterthumskunde*, pag. 173-93, publicado o anno passado, consagrou a este retalho do mundo ligurico, ficamos desadmirando ainda mais a infiltração dos Celtas, que n'elle se dá como certa, e a evidencia d'uma toponymia da sua lavra. Sobre este ultimo ponto notarei o seguinte: Witley Stokes explicava o nome de Rodano pela raiz *rad*. Glück pela raiz *rod*, concluindo ambos os afamados celtistas que o nome era celtico. D'este modo, exclama Müllenhoff (obr. cit., vol. II, nota 1.^a á pag. 239), celtisa-se tudo quanto se quer. O deus Bormanico, tido como celtico por quasi todos os celtistas, é a seu vêr ligurico (já n'um dos numeros d'esta *Revista* sustentei a mesma «heresia»), como o nome de Rodano. Muitos outros nomes, que os celtistas alcaunhariam de celticos, têm para elle uma origem muito differente. Qual? Eis a grande questão. Na primeira parte das investigações respectivas a este problema, a unica que teve tempo de terminar, descobre Müllenhoff taes analogias entre o ligurico e o cambrico, que o editor do seu escripto, M. Roediger, entende dever prevenir o leitor de que provavelmente na segunda parte appareceriam provas que as destruíssem, visto ter-se o auctor pronunciado nos volumes antecedentes contra o arianismo dos Ligures. Pôde lamentar-se que taes provas não apparecessem; certo é porém que no seu minucioso estudo Müllenhoff pôe formidaveis embargos aos que pretendem celtisar a Liguria, deixando vêr ao mesmo tempo que a questão do arianismo do ligur precisa de ser tratada com especialissima attenção.

não sei bem porque, ao lêr esta replica, me puz a pensar em Gulliver manietado pela gente de Liliput. Naturalmente é porque se me figura que, por se deixar encantar pelos feitiços da celtologia, ficou impossibilitado de romper livremente pelo caminho novo que descobriu como ethnologista e pelo qual havia de chegar necessariamente a uma solução semelhante á de Becker, mas muito mais solidamente fundamentada.

Certo é que conto morrer na certeza de que ninguem poderá demonstrar-me que o methodo historico de M. Arbois não devesse leval-o fatalmente á destruição do celebre dogma da celticidade do cambrio e congeneres, substituindo-o pelo do seu ligurismo. É claro que d'este modo surgiria para a reconstrução do mundo ligurico, iniciada por Belloguet, o seu verdadeiro « fiat lux », tendo por cortejo essa abundancia de provas linguisticas que os celtistas avocam para os seus pseudo-celtas e uma infinidad de outras de varia ordem, algumas das quaes ficam esboçadas nas paginas antecedentes.

É muito possivel que esteja em erro; mas, enquanto não forem refutados os argumentos que tenho desenvolvido e que poderia multiplicar, insistirei em que M. Arbois de Jubainville, fascinado pelo celtismo, fez o mesmo que todos os fanaticos d'esta escola, presenteando os Celtas com uma civilização, uma lingua, uma originalissima litteratura, que pertencem de direito aos seus Ligures e enterrando viva uma das suas mais brilhantes descobertas.

*

Terminarei este trabalho, commentando uma observação de M. Salomon Reinach. Este sabio, além de sustentar francamente a pre-celticidade do druidismo, como vimos já, entende que a « desacreditada » doutrina da relação do druidismo com os monumentos megalithicos do occidente deve ser « reprise » e melhorada consoante os progressos da sciencia ¹. Equivale isto a propôr a revisão d'um dos dogmas do celtismo anterior a Thierry, destruido no nosso seculo com a precipitação febril que o caracteriza. Sabe-se que, n'este primitivo celtismo, os Celtas eram um povo quasi diluviano, ao qual se attribuiam todas as manifestações da civilização occidental, prede-

¹ *Revue Celtique*, XIII, pag. 194.

cessora da romana, tanto de ordem material, como moral. Assim as famosas litteraturas cambrica, irlandeza, etc., e bem entendido a lingua, em que haviam sido compostas, eram uma propriedade sagrada d'este velho povo; os não menos famosos monumentos megalithicos, quer de character religioso, quer funerario, as ruinas das cidades mortas, muitas das quaes conservam ainda o nome de *dun*, pertenciam-lhe tambem sem contestação possivel. A estes monumentos ligavam-se tradições historicas e mythicas, em que não raras vezes figurava o druidismo, e muitos d'elles eram alcunhados indifferentemente de « monumentos druidicos », ou « monumentos celticos » — synonymia que n'este systema se comprehende e explica muito bem.

Começou por aqui a demolição, e tal fortuna teve, que dentro em pouco quem empregava qualquer d'aquellas denominações corria o perigo de ser escarnecido, como se se regulasse por um relógio muito atrozado. Apenas alguns menos timoratos remavam contra a corrente, por exemplo, o traductor dos *Rude Stone Monuments*, de Ferguson, Hamard, que punha esta objecção, a proposito dos dolmens: se os dolmens não são obra dos Celtas, a que povo pertencem elles?

Para apreciar o peso d'esta replica é preciso ter presente que os mesmos que negavam aos Celtas a propriedade dos dolmens consideravam este povo como um dos mais antigos civilisadores do occidente, a par dos Ligures e dos Iberos, e consideravam os dolmens, os *duns* e outros monumentos como elles ligados, como manifestações incontestaveis d'uma mesma civilisação, largamente derramada por aquella parte da terra, e obedecendo a uma constituição vigorosa ¹, cujos principios eram religiosamente conservados em todas as regiões, por onde se disseminou.

A objecção de Hamard não tem pois, como se vê, nada de impertinente e não deixa de ser embaraçadora para os demolidores. Os progressos da sciencia demonstraram que antes do seculo VII, a. C., não ha Celtas na Europa occidental e que effectivamente a denominação de « celticos », dada aos dolmens e outros megalithos da mesma época, implica um anachronismo grosseiro. D'este modo os Celtas perderam d'uma

¹ Sobre este ponto veja-se M. Al. Bertrand, *Archeologie celtique et gauloise*, pag. XII-XIII.

vez para sempre a esperança de readquirir uma propriedade, que por muito tempo usurparam aos seus legítimos donos; mas, visto tudo, a questão de Hamard ficou de pé: se os Celtas não são os constructores dos dolmens e demais megalithos, qual é o nome d'esse mysterioso povo? Na theoria de M. Arbois só podem ser os Ligures ¹, e, se o distincto sabio não tira esta conclusão, tiro-a eu em nome da logica, e, com relação ao nosso paiz, em nome da archeologia, que até á época romana não nos accusa senão monumentos d'uma civilisação, identica á glorificada pelos celtistas da egreja primitiva. Não esqueça que para M. Arbois os Ligures são o unico povo, a que o occidente deve a primeira civilisação digna d'este nome.

A plausibilidade reconhecida por M. Salomon Reinach na opinão que relaciona os megalithos com as instituições druidicas, já eu ha muito reconheci, e creio devéras que ha de vir a ser geralmente reconhecida. Mas pergunto, n'este caso pôde parar aqui a reabilitação do velho celtismo «desacreditado»? Se os Celtas nada têm que vér com os megalithos e com o druidismo intimamente ligado com elles, mas tudo isto pertence a um povo muito differente e muito mais antigo, com que bullas se ha de conceder aos Celtas a propriedade da litteratura cambrica e irlandeza, em que o druidismo representa um papel de primeira ordem, em que todas as tradições harmonisam perfeitamente com a historia dos occupantes pre-celtas das Ilhas Britanicas, e absolutamente nada com os Celtas, que quando muito só invadiram a Inglaterra no seculo v, a. C., sendo pouco menos de certo que nem entraram na Irlanda?

A não intervir um milagre, duvido muito que a celticidade da litteratura cambrica e irlandeza deixe de ter a mesma fortuna que teve a da celticidade dos dolmens; e, se cahir no mesmo cesto de papeis inuteis que esta, é da primeira intuição que a celticidade da lingua, em que os documentos de taes litteraturas foram compostas, lhe ha de ir fazer companhia.

Parece-me, em summa, que M. Salomon Reinach assestou contra o celtismo moderno uma bateria, que lhe não deixará

¹ Já se viu que para M. Bertrand os Ligures se estenderam pela zona maritima da Europa desde o Baltico até o Mediterraneo; accrescente-se que no seu entender esta mesma zona foi occupada pelos constructores dos dolmens (Vid. obr. cit., pag. 108).

pedra sobre pedra ¹. Atraz da reabilitação da doutrina «desacreditada» da associação dos monumentos megalithicos com o druidismo, ha de vir o mais, concordando-se em que tem de ser *reprise* e conciliada com os progressos da sciencia toda a doutrina do celtismo anterior a Thierry. O seu erro fundamental foi dar á tóa o nome de Celtas aos mais antigos civilisadores das Ilhas Britanicas. Os progressos da sciencia não deixam a menor duvida de que tal nome é falso e tem de ser substituído por outro. Feita esta substituição, que os ardentes sectarios da antiga doutrina aceitariam de boamente á vista das provas hoje apuradas, ha de confessar-se que a construção levantada por aquelles crentes é extremamente solida e não demanda reparos consideraveis. A par d'ella o celtismo moderno parece-me um castello no ar.

*

P. S. Só depois de composto este trabalho, pude lêr o artigo de M. Arbois, publicado na *Revue Celtique* de janeiro ultimo, intitulado *Un préjugé*. D'elle poderia extrahir não poucas passagens, favoraveis a muitas das minhas affirmativas. Recommendo-o á attenção dos leitores.

Guimarães.

F. MARTINS SARMENTO.

Erratas. — No artigo anterior sabiram varios erros, dois dos quaes emendarei por alterarem inteiramente o meu pensamento. Os outros emenda-os facilmente o leitor. Pag. 75, linha 3.^a, ha de lêr-se — nos falla claramente o auctor, etc., em vez de — *não* falla. Pag. 84, linha 9.^a — nos falla Cesar — em vez de — *não* falla Cesar.

¹ Póde dizer-se o mesmo do seu artigo, publicado na *Anthropologie*, III, pag. 273-84, onde pretende demonstrar que a palavra *cassiteros*, já empregada por Homero, é d'origem celtica. N'este caso, teriam perdido o seu tempo os investigadores que, como M. Arbois, fundaram a nova doutrina de que antes do seculo VII, a. C., não ha Celtas no occidente. Como, porém, as informações do periplo do seculo VI confirmam com a maior clareza esta doutrina e a auctoridade de tal documento é inabalavel, a descoberta de M. Reinach, se fôr admitida, só vem provar que temos aqui um novo nome ligurico.